CASTRO, G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galaxia* (São Paulo, *Online*), n. 31, p. 79-91, abr. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120675

O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias[1]

Gisela G. S. Castro

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre o tema da velhice no enquadramento das mídias audiovisuais, especialmente o cinema. Muitas vezes acionado no inconsciente, o idadismo é o preconceito baseado na idade que ocasiona diferentes formas de discriminação. Essa forma de opressão emerge como problemática das relações entre velhice e subjetividade. A Comunicação diz respeito à vinculação social em um contexto de renhidas disputas em torno da produção de significados. Nessa reflexão sobre a construção sociocultural da velhice como desprezível e sobre o ostracismo dos mais velhos no contemporâneo, aposta-se na capacidade de resistir aos padrões vigentes e de inventar outros modos de ser, viver e valorizar a vida na maturidade.

Palavras-chave: velhice; idadismo; envelhecimento; comunicação; produção de subjetividades.

Abstract: Ageism as a cultural trend: reflections on the production of meanings regarding longer life in today's world - This paper aims to reflect upon the topic of ageing from the standpoint of audio-visual media, especially the cinema. Very often triggered unconsciously, ageism is a type of prejudice that renders social discrimination based on a person's age. This form of oppression takes part in the social debate concerning ageing and the formation of subjectivities. Communication fosters social bonding in a context of fierce struggles around the production of meanings. By reflecting upon the social construction of older age as despicable and older people as social outcasts, we bet on our capacity to resist ongoing trends and invent alternative modes of being, living and cherishing longer life.

Keywords: oldness; ageism; ageing; communication; production of subjectivities.

O envelhecimento é um processo complexo e contraditório que nos acompanha a todos, sem exceção, ao longo de toda a vida. Trata-se de uma experiência multifacetada, plural,

[1] Uma versão inicial desse artigo foi apresentada ao GT Comunicação e Sociabilidade no Encontro Nacional da Compós em 2013.

influenciada por fatores como gênero, estado civil, nível socioeconômico, condições de saúde, estilo de vida e outros. Para além de suas determinações cronológicas e biológicas, a velhice é uma construção sociocultural e o idadismo, preconceito baseado na idade, é altamente disseminado em nossas culturas (BYTHEWAY, 2011). Está inserido no discurso anti-idade, por exemplo, que transforma em 'traidor' ou 'inimigo' o corpo em processo de envelhecimento (FEATHERSTONE e WERNICK, 1995). Ocasiona graus diferentes de rejeição diante da figura do velho, que nos faz lembrar de forma perturbadora a finitude e desperta fantasias ligadas à morte.

Norbert Elias constatou que "a morte é um problema dos vivos" (ELIAS, 2001, p. 10). O autor classifica a morte como "um dos perigos biossociais na vida humana" (*ibidem*, p. 19). Em seguida, pondera que, "na verdade, não é a morte, mas o conhecimento da morte, que cria problemas para os seres humanos (...) a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte" (*ibidem*, p. 11, 16/17).

O medo da morte e o desejo social de se livrar dos mais velhos são questões espinhosas. A opressão do idadismo aciona graus variados de desrespeito e, eventualmente, maus tratos. Dados da Secretaria Especial dos Direitos Humanos sobre violência contra os mais velhos revelam que variam no tempo segundo classe social, etnia e gênero "os conflitos intergeracionais, as várias formas de violência física e emocional, as negligências de cuidados" (MINAYO, 2005, p. 11).

Velhice, amor, morte

Palma de Ouro em Cannes (2013), no filme *Amor*[2], o bissexto diretor Michael Haneke[3] focaliza a dignidade de um casal idoso diante do sofrimento incomensurável quando a saúde se esvai. O filme é estrelado pelos octogenários Emmanuelle Riva[4] e Jean-Louis Trintignant[5], ícones de uma geração celebrada pela militância em favor da liberação dos *modus vivendi*. Desde a juventude, ambos têm contribuído nessa direção ao participarem de obras-primas da arte cinematográfica. Deve-se ressaltar a vigorosa postura ética que os levou a aceitarem encenar nessa produção sua própria velhice profunda.

Em desempenhos magistrais, os sóbrios e elegantes Riva e Trintignant vivem na tela um casal da alta classe média francesa, cuja carinhosa e cordial convivência se desenrola em um espaçoso apartamento – palco e, de certa forma, também personagem do drama[6]. Narrado em *flashback*, o dia a dia agradável transcorre de modo absolutamente corriqueiro até ser impiedosamente interrompido pelo inconcebível: um derrame acomete Anne

2 *Amour*, Michael Haneke, França/Alemanha/Áustria, 2012.
3 Autor do igualmente inquietante *A Fita Branca*, Palma de Ouro em 2009.
4 Musa de Alain Resnais em *Hiroshima, Meu Amor (Hiroshima, Mon Amour*, França, 1959), dentre outros trabalhos memoráveis, aos 86 anos, Riva foi a mais velha candidata ao Oscar de melhor atriz, em 2013.
5 Protagonista de Lelouch, Truffaut, Bertolucci, Costa-Gravas, Kieslowski, dentre outros, Trintignant estava há tempos afastado das telas até ser convencido por Haneke a atuar no papel que teria sido escrito especialmente para ele.
6 De um aconchegante ninho em forma de lar, o imóvel se converte em enfermaria, labirinto de obstáculos, asilo, prisão e, por fim, um sinistro mausoléu.

em pleno desjejum. Na cena seguinte, já de volta do hospital, um atônito Georges tenta explicar à filha única[7] que sua mãe fora vítima de complicações que, embora tidas como extremamente raras naquele tipo de cirurgia, deixaram-na parcialmente paralisada. Ao se valer de estatísticas para acessar riscos e efeitos colaterais, o discurso médico tende a camuflar o pouco possível no pouco provável. Se considerarmos que os mais velhos estão mais inclinados a precisarem negociar com tratamentos e procedimentos médicos, é importante refletir sobre o papel da tecnociência na produção de sentidos sobre o envelhecimento, os diferentes tipos de vivência e os modos de intervenção sobre o processo de envelhecer (JOYCE e MAMO, 2006).

Voltemos ao filme, que cruamente dramatiza os temores e pudores que acometem o casal. Assiste-se ao dramático escalar das limitações enquanto se testemunha a fibra estoica diante do incontornável. À medida que a situação da esposa se agudiza e esgarça os limites do intolerável, Georges se ocupa em cuidar dela por tempo integral, alheando-se de si próprio e do resto do mundo. Caberá à filha fazer sentido da tragédia final, cena com que o diretor inicia o filme, em uma opção pela edição cronologicamente não linear.

Um relato exaustivo do enredo foge ao escopo desta reflexão sobre o idadismo e a discriminação social dos mais velhos. Sem recorrer aos clichés e ao humor derrogatório que predominam nas raras produções audiovisuais que abordam essa delicada questão, o filme pode ser pensado como uma metáfora do desaparecimento de todo um modo de ser e de viver. Isso o torna ainda mais indispensável como produção simbólica de nossa conturbada época.

Em outro registro semiótico, o tema do percurso em direção à velhice profunda e da contiguidade da morte foi poetizado pelo angolano valter hugo mãe[8] em obra de 2011. Nessa cáustica narrativa metafórica sobre o aniquilamento econômico e cultural de Portugal no âmbito da União Europeia, o escritor esmiúça em seu âmago a alma de antonio silva, um homem simples que, ao enviuvar, é internado em um asilo para idosos. Diante da dor lancinante e da perda das referências de toda uma vida, o barbeiro português reflete, com amarga sabedoria:

> (...) a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. (...) foi como se me dissessem; senhor silva, vamos levar-lhe os braços e as pernas, (...) teremos de levar o coração, e lamentamos muito, mas não lhe será permitida qualquer felicidade de agora em diante. (MÃE, 2011, p. 21-23)

Em tocante simplicidade, o personagem desvela na perplexidade o aspecto desumano de ter que continuar a viver e amar, apesar da dor da perda: “com a morte, tudo o que respeita a quem morreu devia ser erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano. esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder” (*ibidem*, p. 21).

---

7 Interpretada pela excelente Isabelle Huppert, Eva não é propriamente uma filha ausente, porém fica clara a distância existencial que a mantém à margem da rotina dos pais. Mesmo em desacordo, não lhe é possível interceder para alterar o modo como vivem.

8 Em minúsculas, conforme grafia utilizada pelo autor.

Como se faz para seguir vivendo quando se perde alguém que se amou tanto? Poderíamos perguntar ainda: que tipo de amor é esse que rouba o sentido da própria vida? Tais questões, naturalmente, não dizem respeito exclusivamente aos mais velhos. No entanto, seria lícito imaginar que a dor se torne ainda mais implacável na fragilidade da velhice avançada. Seria, então, o caso de se vislumbrar, como o faz o senhor silva, a perda da razão como benfazeja? Em seu abandono, Georges desconsidera a sensatez e transforma a morte em sinistro caso de saúde pública no filme de Haneke mencionado acima.

O horror da morte, o tabu do suicídio

Nosso horror ontológico diante da morte e o controvertido direito de encerrar a própria existência são temas por demais complexos para serem esgotados nestas breves linhas. Ao longo da história humana, diferentes rituais e preceitos religiosos, morais e jurídicos foram criados pelas instâncias sociais de modo a mediar e regular nossa relação com a finitude. Dentre as transformações atuais, tem-se a crescente autonomia do sujeito frente à mediação das instituições reguladoras. O ideário neoliberal reforça a privatização da vida e a lassidão dos valores institucionais regulatórios. Assim, o individual se sobrepõe ao coletivo e a incumbência de zelar pela vida ou, no limite, dar-lhe fim, recai sobre o próprio indivíduo e/ou seus entes mais próximos.

O poeta galês Dylan Thomas exortou seu pai, já velho e fraco, (e também a si próprio e a todos nós) a resistir e lutar contra a morte em seu belíssimo e mais bem conhecido poema:

> Do not go gentle into that good night,
> Old age should burn and rage at close of day;
> Rage, rage against the dying of the light[9].

O direito de terminar a própria vida foi um estandarte levantado pelo militante anarquista Paul Lafargue (1983), autor do manifesto que elogia o ócio como força criativa e satiriza de modo irreverente a santificação do trabalho na ética protestante, que embasou a emergência do capitalismo. O casal Lafargue pôs fim à vida que já os estorvava, tendo exposto em carta-testamento as motivações subjacentes ao ato derradeiro. O gesto remete ao trágico passamento do filósofo André Gorz[10], encontrado no leito conjugal lado a lado com a esposa vitimada por doença degenerativa terminal. Já se prenunciava um fim que ambos consideravam indigno. Em livro comovente, Gorz (2012) apresenta um apaixonado relato das décadas em que ele e Dorine formaram um casal vigoroso e afinado.

Para além das pungentes histórias protagonizadas por esses intelectuais, ambos foram críticos ferrenhos dos descaminhos do ideário vigente na atualidade. No posfácio

---

9 "Não vás tão docilmente nessa noite linda; Que a velhice arda e brade ao término do dia; Clama, clama contra o apagar da luz que finda." Tradução: Augusto de Campos (2006).

10 Aliás Gérard Horst ou Gerhart Hirsch, que também utilizou Michel Bosquet como *nomme de plume*.

da obra mencionada acima, exalta-se a contribuição de Gorz ao apontar a "irracionalidade da racionalidade capitalista" na "mercantilização das relações sociais" (*ibidem*, p. 57). O mesmo se aplicaria a Lafargue.

Na comoção causada pelo suicídio do ator Walmor Chagas aos 82 anos de idade, noticiou-se que, em entrevista, o ator teria deixado claro pertencer a uma outra geração. Sentia-se sem espaço no mundo atual. Curiosamente, foi em *Um Homem Indignado* que se despediu do teatro em 2005. A peça tratava justamente do suicídio. Falando aos jornalistas da época, o ator gaúcho salientou a indignação causada pelo que percebia como a infantilização do pensamento numa época marcada pela excessiva produção de imagens que apenas distraem e, a seu ver, não promovem a reflexão e o conhecimento.

Em cena pela última vez no filme *Cara ou Coroa*[11], Walmor interpretou um general da reserva que, em plena ditadura, vive com a neta em um oásis urbano na cidade de São Paulo. O personagem é instado por indignados oficiais a atuar como bastião de retidão e caráter no combate ao desvirtuamento da ética militar. Porém, em clara alusão ao seu distanciamento da imagem de brioso combatente, o general recusa, alegando que seu tempo de Exército já teria chegado ao fim. Ao que parece, tal como os últimos personagens que encarnou em cena, o ator sentiu-se tragicamente alijado do presente. Esse estranho tempo presente que escamoteia a velhice obrigando-a a travestir-se de uma por vezes ridícula juvenilidade cosmética *prêt-à-porter*.

A indústria do entretenimento e a velhice escamoteada

Na pedagogia social desenvolvida pela cultura midiática, "a velhice é censurada como se fosse algo obsceno e vergonhoso, que deveria permanecer oculto, fora da cena" (SIBILIA, 2012, p. 97). Como corolário, impõe-se a versão ideal da velhice *turbinada* para homens e mulheres dispostos a investir, com diligente constância, no corpo como capital, quesito tido como indispensável para a autoestima e a qualidade de vida. Inflada pelo insumo da promessa do rejuvenescimento, uma vida desprovida de degeneração ou morte se insinua. Um êxtase *ad infinitum* mantido por meio de fármacos, próteses, implantes e outras intervenções da tecnociência contemporânea.

Na entrada em cena da tecnologia digital na TV brasileira, nossa principal emissora – que produz e exporta boa parte de sua programação – dedica especial atenção à aparência de seu numeroso e estrelado *cast,* de modo a não serem revelados quaisquer deslizes nas cintilantes e assépticas imagens de alta definição. Máscaras faciais retocadas além do limite do bom senso desfilam em *close up* nas telas da TV, por vezes comprometendo a expressão facial fina, matéria básica do ofício do ator.

Epítome da indústria midiática e do entretenimento ao redor do globo, Hollywood contribui sobremaneira para a propagação do ideal da velhice turbinada ao perpetuar no ator protagonista o mito do herói indestrutível, o *duro de matar* vencido nem mesmo

---

11 *Cara ou Coroa*, Ugo Giorgetti, 2012.

pelo implacável passar dos anos. Nesse afã, atores de idade já avançada, como Arnold Schwarzenegger, Sylvester Stallone e Bruce Willis prosseguem protagonizando as lucrativas franquias de incontáveis sequências (*sequels*) dos filmes de ação que os divulgaram junto ao grande público. Apesar da aparência altamente manipulada para sugerir uma juventude impossível, meticulosamente maquiados, embora já visivelmente envelhecidos, eles tentam vender o embuste mercadológico da retenção da passagem do tempo. Pastiche da condição juvenil em estagnação e índice, talvez, da perda do direito de ser velho na obtusa e implacável racionalidade mercantil que caracteriza a atualidade.

Na contramão dessa tendência hegemônica de escamoteação da velhice em Hollywood, vale acrescentar *Gran Torino*[12], sombria e violenta elegia realizada e estrelada por Clint Eastwood em 2008. A temática desse vencedor do prêmio Cesar de melhor filme estrangeiro envolve o sonho americano, tema sempre criticado pelo diretor e agora mostrado em espiral descendente rumo ao pesadelo. O título refere-se a um modelo de carro, apresentado como um protótipo de elegância e robustez, produzido pela Ford nos anos 1970 e hoje encontrado apenas como um item de colecionador – extremamente bem conservado, ou melhor, sempre novo e jovem, fora do curso de ação de suas funções e mantido em suspensão de tempo –, mais uma metáfora da possibilidade de estagnação de uma etapa de vida.

O enredo se desenvolve numa decadente Detroit atual, antigo símbolo da próspera indústria automobilística, pedra angular do *American way of life*. No desfecho da trama iniciada com o roubo do carro que ele próprio havia ajudado a fabricar, Walt Kowalski sacrifica sua vida aparentemente para proteger uma família oriental que faz parte de uma volumosa caudal migratória que o filme – inicialmente na visão xenofóbica do velho metalúrgico – apresenta como invadindo as cidades norte-americanas.

Talvez essa imolação seja bem mais complexa. Ela se daria tendo o agora vetusto herói como emblemático da ideia de juventude que foi forjada para simbolizar e vender uma imagem positiva dos EUA, agora já devastada pela longa vida esvaída em guerras promovidas pelo complexo industrial armamentista. Decadente e prestes a enfrentar uma morte irrelevante, o velho herói resolve abrir caminho para uma outra possível juventude mutante e híbrida, mescla de outras raças, outras culturas que começam a tornar-se maioria no país.

A despeito do inexorável ocaso muito bem encenado por um Eastwood octogenário, talvez a epicidade maior seja o sacrifício de um país ante uma dissolução ou morte ignóbil para dar origem a outro, transmutado. Não nos esqueçamos, porém, que, no filme, a generosidade é devidamente caracterizada como sendo uma virtude da épica tipicamente norte-americana. Nesse sentido, mesmo ao destoar do viés ostensivamente autolaudatório da maioria da produção hollywoodiana, toda a filmografia de Clint nem por isso deixa de reforçar – ainda que de modo paradoxal – o ideário propagado por essa poderosa indústria.

12 *Gran Torino*, Clint Eastwood, 2008.

O culto ao corpo, o envelhecer bem

Certas culturas tradicionais associam a idade avançada à venerável sabedoria diante das incertezas da vida. Hoje, pouco parece restar dessa tradição no Ocidente. Se comparada à de outras épocas, talvez esta concepção atual da velhice seja um produto daquilo que Darcy Ribeiro qualificou como mão de obra carvão: o operário que é exaurido até as últimas forças e, então, abruptamente descartado como um eletrodoméstico que não presta mais serviços. No entanto, talvez o paradigma da máquina já esteja datado. Afinal, como há algum tempo intuiu Donna Haraway (2009), somos contemporâneos da era ciborgue. Para tornar o mito realidade, temos os fármacos, os implantes, as próteses e outras tecnologias vestíveis, além da promessa da manipulação genética em seres humanos no cardápio tecnocientífico à disposição.

Paula Sibilia vê o fenômeno do culto ao corpo hiperativo e de aparência jovem sendo propagado como condição por excelência de qualquer tipo de autoestima. Nesse contexto, "tabus e pudores converteram a velhice num estado corporal vergonhoso" (SIBILIA, 2012, p. 83). Não seria exagerado estender essa observação para o terreno mais intangível da própria subjetividade: a velhice experimentada como algo indesejável e embaraçoso em meio ao pressuroso fluxo elétrico-muscular do cotidiano. Nas palavras da autora, "não é fácil ser um corpo velho (...) numa época que ampliou o direito à velhice de forma inédita e desativou quase todos os tabus que constrangiam as realizações corporais" (*ibidem*, p. 88).

Apesar de experimentarmos um inusitado aumento na expectativa de vida, viver mais nem sempre é sinônimo de viver bem. Em muitos sentidos, apesar de todo o aprimoramento nas técnicas e cuidados dispensados aos que têm acesso, ser velho segue sendo um desafio. Instado a integrar-se aos padrões, os ritmos lentos e as hesitações do idoso diante da avalanche de transformações em curso se tornam motivo de incompreensão e, não raro, franca impaciência. É como se, no ideário da qualidade de vida para o qual o mercado comparece com um estoque sempre renovado de produtos e serviços, o envelhecimento muitas vezes se tornasse um embaraço a ser camuflado, custe o que custar.

Vivemos em um tempo em que o corpo é "alvo de estratégias mercadológicas que, de modo geral, reforçam noções de disciplina e de controle do corpo" (HOFF *apud* SAMARÃO, 2009, p. 168). Na publicidade, nos reality shows, nas produções midiáticas em geral, predominam corpos sarados de aparência juvenil (YLÄNE, 2012). Tem-se uma concepção hipertrofiada de juventude como um atributo a ser preservado em qualquer idade (DEBERT, 1999). Desse modo, o envelhecimento passa a ser visto como algo contra o qual se torna imperioso lutar. Rugas, flacidez, marcas senis e outros sinais da senescência devem ser eliminados. Como elogio, cumprimenta-se o idoso por sua aparência mais jovem.

Saúde, *fitness* e beleza formam um todo indissociável que fundamenta a noção de bem-estar e incrementa as dinâmicas do consumo. Especialmente no que diz respeito à aparência, e mais diretamente em relação às mulheres, não combater os sinais

do envelhecimento se confunde com lassidão moral. Apesar de frequentemente bem-intencionados, os esforços para manter esta concepção do envelhecimento bem-sucedido podem se transformar em insensatez e tirania. Como dissemos, esse é um processo multifacetado, experimentado de modo singular por cada um de nós ao longo de toda a vida. Assim sendo, envelhecer bem terá sempre um caráter altamente subjetivo, recebendo conotações diversas para cada indivíduo ao longo do seu percurso vivido (GUILLEARD e HIGGS, 2000).

Nas individualizadas e flexíveis formações identitárias atuais, prevalece, de um modo geral, o ideário do envelhecer bem associado ao manter-se ativo, bem-disposto – e jovem. No binarismo normativo e hierárquico entre velhos e não-velhos que permeia a construção social da juventude como padrão desejável, os jovens estão associados a atributos como saúde, beleza, sucesso. Para os mais velhos, reservam-se as conotações desagradáveis relacionadas com a deterioração de sua condição física e/ou mental na senescência. Fruto de uma combinação insidiosa entre idadismo e machismo, essa situação é mais dramática para as mulheres.

Como se viu, a velhice pode simbolicamente receber a conotação positiva da sabedoria e do legado da tradição e da memória, embora talvez com maior frequência esteja associada ao declínio, a várias formas de dependência e ao ostracismo social. Sendo a autonomia um atributo idealizado como indispensável, a eventual incapacidade de cuidar de si se torna constrangedora por gerar uma situação de dependência em relação a outra pessoa mais jovem e apta, tal como um membro da família ou profissional especialmente contratado para este fim. Essa situação enseja uma série de adaptações para as quais nem sempre há disponibilidade financeira ou emocional. Torna-se especialmente aguda com o afrouxamento dos laços intergeracionais em família ou fora dela, o que contribui para a exclusão social dos mais velhos.

Subjetividade, velhice, autoestima

Quando completou 80 anos, o taciturno poeta Carlos Drummond de Andrade ganhou dos netos as primeiras calças *jeans* e o primeiro par de tênis. Não gostou muito dos *jeans*, mas lamentou não ter aderido antes ao conforto dos tênis. Em entrevista ao *Jornal do Brasil* pouco antes de Maria Julieta, sua filha única, ser vitimada pelo câncer, Drummond confessou com candura que “ficar velho tem lá as suas chateações” (*apud* MORAES NETO, 2007, p. 45), como a fragilidade do corpo e a privação “do uso completo das suas faculdades” (*ibidem*). Pouco tempo depois de haver concedido essa entrevista, o poeta iria falecer.

Com candura, Drummond avalia que não havia feito nada grandioso em sua vida, a qual considerava “pouco interessante” (*ibidem*). Ao comentar sobre a solidão e a sensação de vazio pela perda dos pais e de muitos dos melhores amigos, todos já falecidos, o poeta

reconhece que "uma pessoa que tem hábitos intelectuais ou artísticos, (...), terá sempre a companhia imensa de todos os artistas, todos os escritores que ele ama, ao longo dos séculos." (*ibidem*, p. 47) Tal elogio à cultura letrada talvez não faça sentido para quem se habituou ao frenesi do *multitasking*[13] em diversas telas simultâneas, comportamento característico do contemporâneo.

Maria Cristina Franco Ferraz vincula o esgotamento cultural da referência letrada ao seu atrelamento "a uma temporalidade mais dilatada". O imediatismo e a celeridade de nossos dias permitem que essa referência persista apenas nas formas diluídas que o mercado disponibiliza como entretenimento. O domínio da cultura letrada corresponde a um modelo de subjetivação em declínio e que privilegia uma compreensão psíquica, interiorizada dos fenômenos da vida. Segundo observa a arguta autora, hoje estaríamos vivenciando "a subordinação da cultura letrada à lógica da *cultura somática*[14]", que reduz o psíquico ao cerebral e que transforma o sujeito em "uma espécie de gerente e empresário de si" (FERRAZ, 2010, p. 131-153).

Tão cara à modernidade, a psique estaria em ocaso numa época em que o cérebro representa a quintessência do humano e toda a interioridade parece ser subsumida nos circuitos bioquímicos do corpo. Assim, do mesmo modo que já tivemos a passagem da alma à psique no deslocamento operado pela psicanálise em fins do século XIX, a ascensão do cérebro como essência da vida interior marca o protagonismo da tecnociência no cenário atual e instaura o corpo envelhecido como palco de intervenções e aprimoramentos constantes.

No modelo antropológico vigente de subjetividade, a autoestima está ancorada nos ideais de alta performance e autonomia. Mais do que ser, é preciso, o tempo todo, mostrar e provar que se é competente e que se está seguro de si. Em aguda reflexão, Joel Birman destaca que "a depressão evidencia o impasse do sujeito num mundo onde se valorizou a autonomia, a performance e a visibilidade do espetáculo, pelas quais é a cena da *exterioridade* que é sempre colocada em pauta" (BIRMAN, 2011, p. 42)[15].

Para o autor, "a articulação entre a autonomia concedida ao indivíduo e o cultivo da qualidade de vida e da autoestima deste delineia o fundamento moral do projeto de produção de felicidade na contemporaneidade" (*ibidem*, p. 37). Como consequência dessa associação entre felicidade e autoestima, "a manutenção ou a diminuição da dita autoestima estariam diretamente vinculadas à condição do indivíduo de ser *vencedor* ou de ser *perdedor*." (*ibidem*, p. 41)[16]. Na gestão de si no ultracompetitivo mercado das subjetividades, o atleta representa o modelo desejável de determina*ção em direção a níveis superlativos* de desempenho. Nesse modelo, que tem o corpo físico como a representação

---

13 Trata-se do entregar-se a diversos afazeres simultaneamente, tais como assistir a um filme enquanto mantém-se conversações por meio de mensagens de texto trocadas com diversos interlocutores, ouve-se música, faz-se uma refeição e planeja-se a noitada a seguir.

14 Grifos no original.

15 Grifo no original.

16 Grifos no original.

máxima do que somos, "as atuais exigências de autenticidade e performance" (SIBILIA, 2012, p. 113) desembocam na artificialidade do ultra-humano.

Apesar de nunca tantos seres humanos conseguirem atingir a longevidade, "o próprio envelhecimento recebe, em nossos dias, uma interpretação negativa, aproximável do patológico." (FERRAZ, 2010, p. 167). Essa acepção negativa resulta de certa configuração dos vetores em ação na cultura atual. Depois de se impor como modelo único, o capitalismo pós-industrial se volta para a produção de modos de ser e de viver atrelados aos implacáveis ditames do presenteísmo, do individualismo e dos ideários de autonomia e juventude a qualquer custo.

Ao discorrer sobre os efeitos socioculturais e psíquicos do que denominou como capitalismo mundial integrado, Félix Guattari militou pela articulação ético-política entre os três registros ecológicos: "o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana", visando "reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc" (GUATTARI, 1990, p. 13-14). O legado do pensador francês se reveste de especial sentido quando nos deparamos com o idadismo e o envelhecimento no rol das candentes inquietações contemporâneas. O embotamento afetivo em relação aos mais velhos aponta para a necessidade de se inventar novas formas de convívio e cooperação entre gerações; novas maneiras de ser, viver e valorizar a maturidade.

Para concluir

A Comunicação diz respeito à vinculação social em um contexto de renhidas disputas em torno da produção de significados em seus mais variados regimes semióticos. Os meios de comunicação participam da constituição das subjetividades ao expressar em suas produções o conjunto de valores, saberes e práticas sociais que funcionam como modelos de identidades culturais. Evocamos a dimensão sensível da comunicação ao destacarmos o caráter afetivo das produções culturais nomeadas acima.

Ao analisar as transformações nos modos de ser e de estar junto, Eva Illouz reflete que "a criação do capitalismo caminhou de mãos dadas com a criação de uma cultura afetiva intensamente especializada" (ILLOUZ, 2011, p. 11). Nesse cenário em transformação, novas técnicas e sentidos foram acionados para cunhar novas subjetividades. A fase atual do capitalismo, que a autora denomina como *emocional*, se caracteriza por uma generalização dos repertórios culturais baseados no mercado, marcando as relações interpessoais e afetivas, perpassadas pelos discursos e pelas *lógicas econômicas*.

Na mercadorização da esfera emocional, prolifera o pragmatismo dos cálculos de custo-benefício. Quando a imagem do corpo é tomada como capital a ser investido na busca incessante do êxito social, os sinais de velhice são interpretados como sinais de deterioração do patrimônio individual. Ao se envelhecer, é como se fosse ultrapassado o prazo aceitável de validade e, assim, a experiência vivida estaria desatualizada,

obsoleta, incompatível. O corpo envelhecido passa a apontar uma pessoa esvaziada de atributos de qualidade. Como reflete Maria Cristina Franco Ferraz, com "a crescente reificação dos corpos no âmbito do capitalismo turbinado", estaria em evidência o "inchaço do eu" e a "busca da satisfação imediata e destravada de qualquer empecilho, em um regime de vida cada vez mais centrado na ilusão de um gozo sem fim dos prazeres" (FERRAZ, 2010, p. 162).

Felizmente, certas regras do bem viver hoje dominantes são desafiadas por posturas de vida que a elas resistem. Refletidos e refratados nas produções culturais contemporâneas, modelos contra-hegemônicos de dignidade na velhice são evocados nesta breve reflexão. Na certeza da inserção no próprio campo mercantilizado que se quer criticar e sem a intenção de moralizar este debate, entende-se que, de acordo com as condições *sine qua non* de valorização social em vigor, seria imperioso fazer investimentos pessoais na gestão de nossa própria – e quiçá bela – velhice (DEBERT, 1999; GOLDENBERG, 2013).

Sem desconsiderar a "apropriação constante, cada vez mais evidente, que o capital opera de toda rebeldia" (FERRAZ, 2010, p. 156), seria preciso resistir e rebelar-se contra o imperativo da gestão de si como marca no competitivo mercado das aparências. Assim sendo, vale afirmar as potências criativas da vida e inventar outros modos de ser que se contraponham aos que tomam como abjeto o corpo envelhecido e equacionam o envelhecimento com uma falha de caráter pessoal.

Voltando ao filme *Amour*, o amor de que trata se alia à compaixão, a paixão para e com o outro que é também, ele próprio, sujeito e objeto de paixão. Nas relações afetivas regidas pela lógica do custo-benefício, parece não haver lugar para a compaixão. Não seria preciso colocar em questão a própria noção de autoestima em vigor para (re)aprender a amar?

Talvez, como na bela formulação de Ferraz (2010, p. 172), "no lugar da autoestima, reste propor (e efetuar) algo tão raro que sequer encontra expressão: a *alter*-estima, espécie de conversão da estima em direção ao outro". Para que isso seja possível, seria necessário sair do insulamento existencial e constatar, como o faz o senhor silva na narrativa acima, que o amor pode ser "outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas" (MÃE, 2011, p. 244). Tal afeto ocasionaria uma outra forma de compartilhamento do mundo.

No presente trabalho, destacamos o preconceito do idadismo, a construção sociocultural da velhice como desprezível e o ostracismo dos mais velhos no contemporâneo. Coerente com a inesgotável capacidade do humano em se reinventar, torna-se imperativo desejar e trabalhar em favor da renovação dos sentidos que hoje embotam a dimensão sensível da comunicação e comprometem seu papel na partilha do que nos é comum e na constituição dos vínculos sociais que forjam a nossa comum-idade.

Gisela G. S. Castro é docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM (SP).

castro.gisela@gmail.com

Referências

AMOR (Amour), dir. HANEKE, M., França/Alemanha/Áustria, drama 127 min., 2012.

BIRMAN, J. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, J. (Org.). **Ser feliz hoje:** reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010, p. 27 – 47.

BYTHEWAY, B. **Unmasking age**: the significance of age in social research. Bristol: Polity, 2011.

CARA OU COROA, dir. GIORGETTI, U., Brasil, drama, 110 min., 2012.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. S. Paulo: Edusp, 1999.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FEATHERSTONE, M. e WERNICK, A. (Eds.). **Images of aging**: cultural representations of later life. London: Routledge, 1995.

FERRAZ, M. C. F. **Homo deletabilis**: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GORZ, A. **Carta a D**: uma história de amor. S. Paulo: Cosac Naify, 2012.

GRAN TORINO (Gran Torino), dir. EASTWOOD, C., EUA, drama, 116 min., 2008.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUILLEARD, C. e HIGGS, P. **Cultures of ageing**: self, citizen and the body. Essex: Pearson Education Ltd., 2000.

HARAWAY, D.; KUNZRU, H. e TADEU, T. (Orgs.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JOYCE, K. e MAMO, L. Graying the cyborg: new directions in feminist analyses of aging, science and technology. In: CALASANTI, T. e SLAVIN, K. (eds.). **Age matters:** realigning feminist thinking. N. York e Londres: Routledge, 2006, p. 75 – 98.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça / A religião do capital**. S. Paulo: Kairós, 1983.

MÃE, V. H. **A máquina de fazer espanhóis**. S. Paulo: Cosac Naify, 2011.

MINAYO, M. C. **Violência contra os idosos**: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

MORAES NETO, G. **O dossiê Drummond**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2007.

RIBEIRO, D. **Educação no Brasil**. Artigo de 1986, disponível em: http://www.pdt.org.br/index.php/nossas-bandeiras/educacao/mais-sobre-os-cieps/-propostas/reforma/educacao-no-brasil-por-darcy-ribeiro (último acesso em agosto 2015).

SAMARÃO, L. **O corpo da publicidade**: ideias e apontamentos de Tânia Hoff. *Contemporânea*. Nº. 12, 2009, p. 167 – 175.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, mídia e consumo**, vol. 9, nº 26, 2012, p.83-114.